

# a paixão segundo o desejo em g.h.: intersecções entre a psicanálise e a literatura

the passion according to desire in G.H.: intersections  
between psychoanalysis and literature

juliana rodrigues dos santos<sup>1</sup>

## resumo

Este artigo visa refletir acerca das confluências entre o discurso literário e o discurso psicanalítico. Para fazer esta sondagem foi selecionada a obra *A Paixão Segundo G.H.* da escritora Clarice Lispector, que preza por uma linguagem antimimética. Seus textos preocupam-se com a construção psíquica de cada sujeito, de maneira a revelar através de seus enredos um sujeito mobilizado pelo desejo. No entanto, ao lado de tal sujeito desejante há um imenso vazio que habita o ser. Este artigo visa, portanto, estudar como a literatura de Lispector faz borda ao campo do prazer, do desejo e da falta por intermédio de sua linguagem.

## palavras-chave

Literatura; psicanálise; desejo; vazio; inconsciente.

## abstract

*This article aims to reflect on the confluences between literary discourse and psychoanalytic discourse. To conduct this survey, the work *A Passion According to G.H.* by writer Clarice Lispector, who values antimimetic language. His texts are concerned with the psychic construction of each subject, in order to reveal through his plots a subject mobilized by desire. However, beside such a desiring subject there is an immense void that inhabits the being. This article, therefore, aims to study how Lispector's literature borders on the field of pleasure, desire and lack through its language.*

## keywords

Literature; psychoanalysis; desire; empty; unconscious.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, formada em Letras pela mesma Universidade e em Psicologia pela Unigran-Capital. Contato: psicojuliana@outlook.com.

As correlações entre a psicanálise e a literatura perpassam por muitas veredas semelhantes. Ambas falam de algo que escapa pelas tramas da linguagem. Para a psicanálise, a linguagem manifesta-se como um constructo caro a sua práxis, já que seria essa a matéria-prima do inconsciente. Entendendo que o inconsciente transborda para a linguagem, é possível, então, traçar pontos de confluências entre criação literária e psicanálise. Esta aproximação se dá, dentre outras possibilidades, porque tanto a literatura quanto a psicanálise utilizam-se da fantasia em sua feitura, seja a fantasia apreendida no discurso do analisando em um espaço terapêutico, cujo analista procura desvendar na palavra manifesta outra narrativa oculta, submersa, seja pelas malhas do texto, cujo leitor faz a apreensão dos escritos interpretando-os, reescrevendo-os e preenchendo as lacunas.

O que caracteriza, primordialmente, esse campo interdisciplinar é, acima de tudo, a palavra e seus múltiplos deslizamentos. E essa palavra movente, cambiante e criadora está nos textos dos escritores, está na fala dos pacientes, em seus relatos de sonhos, em seus atos falhos, seus lapsos de linguagem<sup>2</sup>.

E está também nas fantasias, acrescentamos. É na dinâmica *fantástica* do inconsciente de manifestar ou dissimular as faces do desejo que nascem os textos literários.

Ainda por tal viés literário-psicanalítico, este artigo pretende analisar, como estudo de caso, a obra *A paixão segundo G.H.*, da escritora Clarice Lispector, com o intuito de sondar de que maneira manifestações de desejos inconscientes estão imbricadas nas narrativas de suas personagens, desejos esses que não cessam de pedir satisfação, no entanto, na iminência de concretização, deslizam para outro lugar, para outro objeto, *pari passu*. Há de se refletir, contudo, que diante de um sujeito desejante, há sempre um objeto causa da falta, impossível de ser alcançado, por ser intangível. Para esta análise, dividiu-se o artigo em duas partes, a saber: primeiro, o inconsciente na escrita: possíveis aproximações entre a Psicanálise e a Literatura; segundo, a paixão desejante em *G.H.*, a psicanálise na literatura.

## I. O INCONSCIENTE NA ESCRITA: POSSÍVEIS CONFLUÊNCIAS ENTRE A PSICANÁLISE E A LITERATURA.

*Ainda bem que o que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim.*  
Clarice Lispector

Concebida entre a medicina e a literatura, a psicanálise tem seu lugar especial no campo do conhecimento ficcional. Relacionar literatura com psicanálise não é uma tendência recente, o próprio Freud teve uma relação bem estreita com a arte da palavra, pois era um leitor voraz e apreciador da literatura. O texto literário foi, muitas vezes, objeto de estudo para Freud (1907, 1908, 1910, 1913, 1914). As obras do médico e psicanalista estão muito imbricadas em um caráter literário, “seus casos clínicos assumem um estilo romanceado”<sup>3</sup>.

O pai da psicanálise foi, antes de tudo, um grande escritor, tanto é que a única premiação recebida por ele diz respeito ao prêmio de literatura *Goethe* da cidade

<sup>2</sup> ROSENBAUM, Y. Literatura e Psicanálise: Reflexões. *Revista Fronteiraz*, São Paulo, n. 9, dezembro, 2012, p. 226.

<sup>3</sup> MENDES, E.D; PRÓCHNO, C.C.S. A ficção e a Narrativa na literatura e na psicanálise. *Pulsional, Revista de psicanálise*, Uberlândia. Ano XIX, n. 185, março 2006, p. 44.

de Frankfurt na Alemanha. De acordo com Bracco, um dos motivos para Freud receber tal condecoração referiu-se ao “aspecto literário de suas obras e influência de suas ideias sobre os escritores do século XX”<sup>4</sup>. Ainda sobre essa mesma premiação assinala Bracco que ele “é enaltecido tanto como criador da psicanálise, tanto como escritor”<sup>5</sup>.

A considerável importância dada à literatura está relacionada com a ideia de que o contar/narrar propiciaria acessar as áreas mais profundas da mente humana, as quais Freud denominou de *inconsciente*. Há de se pensar, então, a respeito de pontos de confluências existentes entre a psicanálise e a literatura que dizem respeito à forma de contar. Mais do que *o que contar*, ressalta-se o *como contar*. E, neste quesito, tanto a psicanálise, quanto a literatura usufruem disso, a saber: o como contar a narrativa construída por intermédio da linguagem. A linguagem é matéria-prima fundamental para as duas vertentes. É na linguagem que o sujeito se inscreve, é na linguagem que o sujeito se escreve. Para Jacques Lacan, “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem”<sup>6</sup>, e a partir daí se pensou e estudou o *inconsciente estruturado como linguagem*. Se é pela trama da linguagem que o inconsciente pode se manifestar, é pela trama do texto/linguagem que é possível captar conteúdos ideacionais na criação artística: Branco e Brandão entendem que:

Cada um de nós tem seu texto interno, complexo, composto de vozes recentes ou vozes arcaicas, vozes representadas, fantasmáticas. Texto consciente/inconsciente – escritura produzida por outras leituras/escrituras, por mitos familiares, por vozes que não se distinguem umas das outras, avós, mães, filhas uma das outras, [...].

Nesse sentido amplo, a psicanálise trabalha com texto escrito, reescrito, copiado, invertido, produzido por várias vozes, e que constitui a verdade de cada sujeito falante que deixa fluir esse discurso<sup>7</sup>.

Nessa perspectiva, o psicanalista trabalha com tais textos imbricados em várias vozes produzidas pelo discurso de seu analisando. E é em tal exercício de escuta que ocorrem as escrituras, reescrituras, recuperações escondidas, como em um palimpsesto. Isto é, procedimento similar do leitor em relação ao texto literário. “Da mesma forma o leitor sublinha, recorta, seleciona, pontua, reescreve o texto lido. Apropria-se dele, preenche lacunas vazias”<sup>8</sup>. Lacunas essas criadas pela própria arte da literatura, que gera uma rede de significados completada conforme o repertório cultural do leitor, logo:

Sabe-se que, na busca da coerência interna da construção do artista, a literatura, desconstrói, vai atrás de outras associações, é aberta, como no divã do psicanalista. E, por trás de seu discurso, há outro que fala, que não faz jus à coerência que demonstra, assim como no discurso analítico, pois, se na análise a palavra possui a função de revelar sua capacidade de remeter não ao que se quer dizer e sim a outra coisa<sup>9</sup>.

Tanto a literatura quanto a psicanálise estão abertas a uma gama de associações que podem vir à superfície do discurso. A palavra multifacetada “possui muitas outras dimensões significativas, como na análise”<sup>10</sup>. É na trama das palavras que se pode

<sup>4</sup> BRACCO, M.O.K. Freud e o prêmio Goethe. *Jornal de psicanálise*. São Paulo, n. 44, 201, p. 257.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 258.

<sup>6</sup> LACAN, J. *As psicoses* (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981, p. 135.

<sup>7</sup> BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. *Literaterras as bordas do corpo literário*. São Paulo: Annablume, 1995, p. 21.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup> PLASTINO, G. *O discurso da falta em Clarice Lispector: “Laços de Família”*. Osasco: Edifício, 2008, p. 21.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 19.

encontrar sentidos manifestos e sentidos ocultos. Compete ao analista-leitor desvendar os emaranhados de significados que emergem do discurso, tecidos pelo imaginário. “Se na fala do analisando um grande espaço é cedido ao imaginário, esse constitui a essência da criação no mundo na ficção literária”<sup>11</sup>.

Imaginação e fantasia são um dos cernes da criação literária, assim como é o cerne do processo de manifestação do inconsciente que busca jogar para a consciência desejos ininterruptos. Em estudo sobre a formação dos sonhos, Freud ressalta que o material psíquico é submetido a um longo e diligente processo de *condensação*, assim sendo, as imagens e as palavras misturam-se, agrupam-se, amontoam-se com a finalidade de escapar à censura imposta pelo inconsciente, e dessa forma chegar à memória de maneira aprovável, dissimuladas, mascaradas em imagens e palavras outras.

Isso ocorre porque o inconsciente, denominado por Freud posteriormente de *id*, é regido pelo *princípio de prazer*, o qual exige satisfação imediata sem pôr em xeque a possibilidade de consequências indesejáveis. Já o *ego*, localizado no nível da consciência e da pré-consciência, cuida para que tais impulsos indesejáveis voltem para o *id*, os reprimindo, portanto. Contudo, o inconsciente vai buscar formas de se manifestar, e o faz, a título de exemplo, por intermédio de sonhos, chistes, atos falhos, sintomas e o que mais interessa para a feitura da criação literária, e o faz também por intermédio da fantasia.

Em se tratando especificamente dos escritores, Freud entende que o escritor teria o mesmo processo de fantasiar que o da criança quando brinca. “Ele cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério”<sup>12</sup>. O escritor assemelha-se à criança quando está brincando, cria um universo imaginário e vive nele. Quando cresce, para de brincar, no entanto o inconsciente vai continuar apresentando suas demandas em relação ao conteúdo ideacional, portanto o sujeito encontrará outra maneira de trabalhar com as formações do *id* e a fantasia é uma das alternativas. “Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa pela outra. O que parece ser uma renúncia é na verdade um substituto ou sub-rogado”<sup>13</sup>.

Para o psicanalista, todo indivíduo elabora fantasias, no entanto, nem todos as revelam, pois tais fantasias estão diretamente relacionadas a desejos pueris, que em vida adulta, são substituídos por outros. O que o artista faz é dar corpo aos seus *fantasmas* os transformando em textos, em imagens, em obras. Aquilo que ocorre no *setting* em termos de elaboração de discurso do analisando, que procura dar contorno às suas fantasias, ocorre também na criação literária através da narrativa escrita. É importante frisar que o efeito do discurso está muito mais relacionado à maneira como o escritor/analisando expõe os relatos, se o escritor quiser trazer um efeito de estranhamento, de horror, de compaixão, de suspense vai depender de como essa narrativa é elaborada.

No que se refere à escrita de Clarice Lispector, sua narrativa é desenvolvida com maestria e que escapa aos moldes da linearidade e da coerência. Ao usar tais recursos, a escritora aproxima-se de uma linguagem onírica e devaneante capaz de revelar manifestações inconscientes de um sujeito desejante. Para fazer este estudo de caso, selecionou-se a obra *A paixão segundo G.H.*, de Lispector, publicado em 1964. Embora tenha um enredo banal, característico de um romance moderno, trata-se de um enredo de profunda introspecção. Portanto, esta segunda parte do trabalho propõe investigar de que maneira os seus textos dão vazão ao desejo relacionado ao inconsciente, ou se

<sup>11</sup> PLASTINO, G. *O discurso da falta em Clarice Lispector*: “Laços de Família”. Osasco: Edifício, 2008, p. 21.

<sup>12</sup> FREUD, S. (1908). Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. *Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 150.

<sup>13</sup> FREUD, S. (1908). Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. *Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 151.

o desejo tem em seu lado oposto o desamparo, o vazio. Além disso, pretende investigar como/ou se as palavras conseguiriam traduzir os pensamentos de um corpo-máquina fabricante de desejo que não cessa de se inscrever.

## II. A PAIXÃO DESEJANTE EM *G.H.*, A PSICANÁLISE NA LITERATURA

Quando se propõe estudar os escritos de Clarice Lispector, uma das questões que vem à tona é que a literatura da escritora não se contenta apenas com um simples registrar da realidade. A narrativa de Lispector funda-se em enredos -, cuja caracterização diz respeito “essencialmente por contar histórias de homens e mulheres ‘comuns’, em suas tentativas de construir um sentido para suas vidas em um lugar numa sociedade extremamente móvel”<sup>14</sup>.

A voz que ecoa no romance moderno, assim como nos escritos clariceanos, é a voz, segundo Kehl (2001), da diferença, da divergência, daquilo que não tem importância, do desamparo. Para Rosenbaum, os textos clariceanos ignoram enredos miméticos “que ‘copiaava’ (ou acreditava copiar) a realidade empírica: trata-se agora de elevar ao *status* de tema literário a construção psíquica que cada sujeito faz de si mesmo, onde não há um tempo passado a ser fielmente descrito pelo narrador”<sup>15</sup>. O enredo mimético dá, portanto, lugar a histórias que são cheias de questionamentos e hesitações. Para Trocoli, a “modernidade se ocupa do aparentemente sem importância, dá relevo ao banal”<sup>16</sup>. Ainda de acordo com Trocoli, aquilo que, por um lado, aparenta certa insignificância, convoca, por outro lado, a interpretações.

E é no emaranhado dessa crise de representação e de assuntos aparentemente sem significância e banais que nascem os textos clariceanos. A *paixão segundo G.H.* conta a história de uma mulher que, após despedir a empregada, decide fazer uma faxina no quarto de serviço. Ao começar a limpeza, depara-se com uma barata despontando próxima ao armário. Dominada pelo asco, ela deseja esmagar o inseto e assim o faz. A narradora no romance revela: “Eu me embriagava pela primeira vez de um ódio tão límpido como de uma fonte, eu me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar”<sup>17</sup>, contudo, depois de ter feito isso desperta-lhe outro desejo: provar da barata morta. A narradora, que se considera como alguém que tem “desejos fortes e definidos”<sup>18</sup>, é mobilizada por uma vontade intensa de sentir o gosto da massa branca que transborda do corpo do inseto.

A maneira como enredo é costurado revela um sujeito-narrador desejante, metáfora do real. Se o sujeito é desejante, não seria porque certamente alguma coisa lhe falta? Lacan entende que o sujeito é fundado em meio ao vazio. *G.H.*, em meio às suas reflexões, registra assim: “o vazio é um meio de transporte”<sup>19</sup>, vazio que movimenta o sujeito a encontrar um objeto capaz de preencher aquilo que lhe falta. Para Lacan, o objeto causa do desejo denomina-se objeto a “que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância

<sup>14</sup> KEHL, M. R. *A constituição literária do sujeito moderno*, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/19133258/Maria-Rita-Kehl-A-constituição-literária-do-sujeito-moderno>. Acesso em: 10 outubro 2016.

<sup>15</sup> ROSENBAUM, Y. *Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 1999, p.51

<sup>16</sup> TROCOLI, F. *A inútil paixão do ser: figurações do narrador moderno*. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 2015, p. 49.

<sup>17</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 52.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.172

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.114

só conhecemos na forma de objeto perdido, a minúsculo”<sup>20</sup>, o objeto seria, portanto perpetuamente faltante.

O “a” funda-se no vazio. Intuindo, mais uma vez, o que Lacan teoriza sobre o “a”, a narradora, em *A paixão segundo G.H.*, teria expressado em forma de devaneio que: “O grande vazio em mim será o meu lugar de existir”<sup>21</sup>. É “embaraçada ali dentro de uma teia de vazios”<sup>22</sup> que a narradora procurar os nomear. Ora o vazio da partida da empregada, ora vazio do quarto sem entulho, ou vazio de não ser esposa, vazio de não ter filhos, quer seja o vazio por conta da morte da barata.

É por intermédio dessas distintas nomeações obtidas pela linguagem, portanto, que o objeto se garante, pelo fato de ligar uma palavra com a outra se torna possível produzir um significante preso ao campo do imaginário. Em Lispector, a “palavra é expandida de forma a se aproximar por todos os lados daquilo que se quer expressar. A linguagem hesita, retorna, titubeia, comove-se, despe-se, indaga, sempre à procura do nome do ser”<sup>23</sup>. É, então, pela linguagem que o objeto “a”, podendo ser qualquer coisa desde que elegido pelo sujeito, ocupa o lugar de possível efetuação do desejo.

Ao fazer uma suposição de que um pedido de um objeto está próximo a se realizar, é sabido que esta completude ou realização plena está fadada ao fracasso, por isso, todo “momento de achar é um perder-se a si próprio”<sup>24</sup>, certamente porque quando se acha – pressupõe achar aquilo, ou o objeto procurado – percebe-se a frustração da chance de sentir-se pleno, assim sendo, o sujeito perde-se em si mesmo, ou se vê diante da angústia da falta.

Não seria por conta dessa busca por realização plena que o desejo teria em sua face oposta a incompletude? Não seria por isso que *G.H.*, frente ao desejo, pronuncia: “Eu não quero mais o movimento completado que na verdade nunca se completa, e nós é que por desejo completamos”. E se se completa, não se completa por inteiro. O movimento-desejo mobiliza o ser em uma busca eterna de plenitude, no entanto, é em vão porque o objeto a, supostamente eleito para preencher a falta, é um objeto de ficção, sendo assim sua existência não é real.

Freud teria denominado o objeto “a” como *das Ding*, cuja tradução do alemão para o português teria por significado *a Coisa*, algo sem nome, também sem imagem, eleito segundo os investimentos pulsionais<sup>25</sup> do sujeito. É na linguagem simbólica que se procura definir *das Ding*, e cria-se um pensamento idealizado de que algo pudesse estar no lugar ou substituir *a Coisa*. Lacan entende que este objeto “estará aí quando todas as condições forem preenchidas, no final das contas, evidentemente, é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado”<sup>26</sup>.

Ainda segundo Lacan, as coordenadas do prazer são dadas pelo que esse objeto causa, vividas em forma de lembrança, através da qual o sujeito tenta reviver quando coloca outra coisa no lugar, a vivência da criança com *das Ding* é um registro indelével; vale

<sup>20</sup> LACAN, J. (1964). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: Seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973, p. 170.

<sup>21</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 152.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>23</sup> ROSENBAUM, Y. *Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 1999, p.152.

<sup>24</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 159.

<sup>25</sup> Pulsão: al. Trieb, Instinkt; esp. pulsión; fr. pulsion; ing. drive, instinct Termo surgido na França\* em 1625, derivado do latim pulsio, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Sigmund Freud\* a partir de 1905, tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. (Dicionário de Psicanálise Roudinesco e Plon).

<sup>26</sup> LACAN, J. (1959). *A ética da psicanálise: Seminário 7*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 68.

destacar que “o objeto perdido da história de cada sujeito, objeto a, pode ser reencontrado nos sucessivos substitutos que o sujeito organiza para si em seus deslocamentos simbólicos e investimentos libidinais imaginários”<sup>27</sup>.

Em *G.H.*, o desejo, em sua quase totalidade inconsciente, poderá deslizar para a linguagem, que poderá ter condições de encontrar seus sucessivos substitutos. É na linguagem simbólica que o inconsciente se manifesta. Para Lacan, como já ressaltado, o inconsciente está estruturado como linguagem, e esse inconsciente, fonte produtora de pulsão desejante, procurará satisfação plena. Por intermédio do repertório linguístico encontrado no romance *A paixão segundo G.H.* há possibilidade de convocar interpretações no que se refere aos investimentos pulsionais que o sujeito-narrador faz para se sentir pleno. Rosenbaum, dissertando sobre os textos de Lispector, ressalta que:

Seu repertório de análise inclui termo como incomunicabilidade, desmontagem, paradoxo, obscuridade, deformações, desconcretização. Em Clarice, esses recursos estão a serviço de uma maior aproximação com o objeto, para que ele reviva na linguagem em toda sua dimensão simbólica, quanto mais colada ao vivido a palavra estiver<sup>28</sup>.

Um dos questionamentos que se deve levantar é se a linguagem, nos textos clariceanos, por serem tão paradoxais, desfigurados e obscuros conseguiriam corporificar a falta, o vazio, e dar forma a uma completude perpetuamente inalcançável, embora imaginária, de maneira a trilhar por um caminho em busca de amparo e reencontro de um todo perdido, criando uma possibilidade de aproximação com o objeto.

Se de um lado há uma busca para nomear o inominável na definição de um objeto para a satisfação da pulsão, por outro, a linguagem conseguiria descrever a experiência do sujeito com prazer? O que acontece quando não é possível nomear a experiência que o sujeito tem com o prazer? Desorganização, caos, *indizibilidade*. *G.H.*, depois de gozar da massa branca da barata já morta, objeto eleito pela pulsão para satisfazer-se, narra que não tem condições de ficar com o que viveu, haja vista que sua experiência com o prazer a teria desorganizado profundamente:

\_\_\_\_\_ estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? A isso quereria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. A isso prefiro chamar desorganização pois não quero me confirmar no que vivi - na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha, e sei que não tenho capacidade para outro<sup>29</sup>.

Lispector, ao dar voz ao mundo interior de suas personagens, busca palavras para descrevê-lo, costurando as palavras de maneira a “desfolhar a superfície do homem aculturado para tocar-lhe o cerne da vida”<sup>30</sup>. É possível que *G.H.*, depois de ter experimentado da barata, tenha se despojado do que é culturalmente superegóico, portanto, cheio de moralidade, e tenha entrado em contato com o seu id, com seu inconsciente, região responsável pelos impulsos mais primitivos do ser humano: as paixões, a libido, a agressividade, fontes das

<sup>27</sup> JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 1*. As Bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 142.

<sup>28</sup> ROSENBAUM, Y. *Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 153.

<sup>29</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 09.

<sup>30</sup> ROSENBAUM, Y. *Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 1999, p.64.

pulsões e dos desejos. A narradora tem dúvidas quanto ao que viveu, o medo de perder o mundo como ela tinha antes, de se desorganizar: o que pode ser senão a força dos desejos inconscientes agindo sobre o ser? Sobre isso a narradora confessa:

Toda uma vida de atenção - há quinze séculos eu não lutava, há quinze séculos eu não matava, há quinze séculos eu não morria toda uma vida de atenção acuada reunia-se agora em mim e batia como um sino mudo cujas vibrações eu não precisava ouvir, eu as reconhecia. Como se pela primeira vez enfim eu estivesse ao nível da Natureza. Uma capacidade toda controlada me tomara, e por ser controlada ela era toda potência. Até então eu nunca fora dona de meus poderes - poderes que eu não entendia nem queria entender, mas a vida em mim os havia retido para que um dia enfim desabrochasse essa matéria desconhecida e feliz e inconsciente que era finalmente: eu! eu, o que quer que seja<sup>31</sup>.

Os poderes que *G.H.* não entende e que controlam o sujeito são os desejos inconscientes que não cessam de pedir satisfação e que por muitas vezes a linguagem não tem condições de suportar, de nomear, mas consegue apenas fazer transcrições fonéticas, porque o que ficou colado à narradora foram fragmentos fonéticos<sup>32</sup> que restaram de sua experiência com o prazer. A narradora não tem palavra a dizer! “Não tenho uma palavra a dizer. Por que não me calo, então? Mas se eu não forçar a palavra à mudez me engolfará para sempre em ondas. A palavra e a forma serão a tábua onde boiarei sobre vagalhões de mudez”<sup>33</sup>. *G.H.* não consegue descrever ou narrar o que vivenciou. As palavras na narrativa não conseguem abarcar e recobrir a Coisa. A narradora expõe que:

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas - volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu<sup>34</sup>.

Por um lado, se acontece a falência das palavras no nível da consciência ou o fracasso da linguagem, por outro é possível convocar interpretações como ressalta Trocoli (2015), pois é no fracasso da linguagem que o inconsciente se manifesta. A literatura de Lispector falha em dizer, contudo em seu fracasso acerta ao entrar em contato com seu interior. “A literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer”<sup>35</sup>. Mais real que o mundo exterior é o mundo interior. Para Freud, “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo”<sup>36</sup>. Realidade esse que a narradora é levada a viver nela, pois diz:

nessa pequena luta por não perder a consciência e entrar no mundo maior - muitas vezes, antes de ter a coragem de ir para a grandeza do sono, finjo que alguém está me dando a mão e então vou, vou para a enorme ausência de forma que é o sono. E quando mesmo assim não tenho coragem, então eu sonho<sup>37</sup>.

<sup>31</sup> LISPECTOR, C. *Op. Cit.*, p. 52.

<sup>32</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 20.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 176.

<sup>35</sup> PERRONE-MOISÉS, L. A Fantástica Verdade de Clarice. In: *Flores da Escrivaninha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 102.

<sup>36</sup> FREUD, S. (1901). *A interpretação dos Sonhos parte II: sobre os sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 554.

<sup>37</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 16.

Ao discorrer sobre o inconsciente, voltemos ao mote de efetuação de desejos. Para Freud, “um sonho representa um desejo realizado”<sup>38</sup>. A narradora entra no quarto da empregada para limpá-lo, mas logo é perturbada por uma barata que a tira de um estado de consciência e a coloca em outro estado. Seria em um estado onírico inconsciente, lugar em que a linguagem fracassa? O sonho é um dos lugares nos quais se pode dar vazão aos desejos, em que supostamente o objeto a pode ser reencontrado e é por isso que G.H. revela: “Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu estivesse acordada não seria linguagem”<sup>39</sup>.

De acordo com Bachelard (1993), a casa, assim como o quarto, traz uma simbologia de devaneio, de estado onírico, e esses espaços traduzem-se em uma narrativa em um ambiente de familiaridade. Assim, o quarto:

já se tornara de um familiar inexpressível, igual ao familiar verídico do sonho. E, como do sonho, o que não te posso reproduzir é a cor essencial de sua atmosfera. Como no sonho, a “lógica” era outra, era uma que não faz sentido quando se acorda, pois a verdade maior do sonho se perde”<sup>40</sup>.

É no espaço do quarto que os sonhos vêm, é no espaço do quarto que uma união é consumada, é no espaço do quarto que a intimidade acontece. “A intimidade do quarto transforma-se na nossa própria intimidade. [...] O quarto é, em profundamente, o nosso quarto, o quarto está em nós”<sup>41</sup>. G.H. queria limpar o quarto da empregada, muito diferente do restante de sua casa, e o quarto da empregada, que agora era seu, estava vazio. “Eu me preparara para limpar as coisas sujas, mas lidar com aquela ausência me desnorteava”<sup>42</sup>. Ausência de quê? Do quarto, espaço físico ou do quarto, extensão de seu mundo interior, portanto ausência da narradora em si mesmo? E é nesse quarto que ela se redescobre: “Só que ter descoberto súbita vida na nudez do quarto me assustara como se eu descobrisse que o quarto morto era verdade potente”<sup>43</sup>.

A vida que a narradora encontra no silêncio do quarto vem do guarda-roupa: uma barata lenta, grossa e velha aparece, contudo, é lá, no silêncio de um quarto, que a narradora reencontra a vida. Vive quando entra em contato com o seu inconsciente, embora muitas vezes não consiga encontrar palavras que suportem o peso daquilo que não conhece muito bem. Vive em sua experiência com o prazer. O inseto a surpreendeu em meio a seus afazeres cotidianos e lançou-a para dentro de si. Emaranhada entre fios de horror, de asco e de vazio, é que a narradora se tece, se dá forma, a ponto de entender que viver “é uma dádiva tão grande que milhares de pessoas se beneficiam com cada vida vivida”<sup>44</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso deste artigo procurou-se demonstrar que a psicanálise e a literatura possuem pontos de aproximação, uma delas é que ambas as vertentes se ancoram na linguagem, seja na narrativa do analisando, cujo analista tentará desvendar o universo psíquico de seu paciente, seja na literatura, em que o leitor percorrerá as páginas do livro desvendando o universo de suas personagens. Outro ponto de estreitamento

<sup>38</sup> FREUD, S. (1901). *A interpretação dos Sonhos parte II: sobre os sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 141.

<sup>39</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 19.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 103.

<sup>41</sup> BACHELARD, G. *A Poética o Espaço*. Trad. Antonio de Pádua. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 334.

<sup>42</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 42.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>44</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 169.

diz respeito ao fato de que tanto a literatura quanto a psicanálise, em seu emaranhado de tessitura do texto, trabalham com a fantasia. A imaginação é um elemento fundamental para os dois campos, a imaginação é suporte para a criação literária, além de ser suporte para a psicanálise como uma das vias para acessar o inconsciente.

Este inconsciente pede incessantemente satisfação de desejos, cuja realização de todos eles permeia o campo da ficção, pois é impossível a concretização de tudo aquilo que o *id* demanda. Os argumentos apresentados neste artigo procuraram expor que a fantasia, assim como outros mecanismos como sonhos, chistes e atos falhos, seriam, segundo a teoria psicanalítica, uma maneira encontrada pelo inconsciente para ludibriar o aparelho psíquico, e fazer com que conteúdos ideacionais, antes retidos, cheguem à memória de forma aprovável, sendo a criação artística um dos caminhos.

Procurou-se expor que desejos inconscientes permeiam a obra *A paixão segundo G.H.*, em que o mundo interior de G.H. é revelado após a narradora entrar no quarto da empregada para fazer uma limpeza. Clarice Lispector, por intermédio de sua singular escrita, julgada por muitos como caótica e de difícil compreensão, abre possibilidade de fazer borda ao vazio. A escritora tem uma habilidade de expor o caos com beleza a partir do momento em que despreza a superficialidade da linguagem, de maneira a possibilitar uma percepção desautomatizada do cotidiano e da vida. Entre a escrita do desejo e o indizível do vazio, a romancista contorna a exatidão das palavras, e dessa forma revela as angústias de suas personagens diante da impossibilidade de encontrar o que almeja.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A Poética o Espaço**. Trad. Antonio de Pádua. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRACCO, M.O.K. Freud e o prêmio Goethe. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, n. 44, p. 253-258, 2011.
- BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. **Literaterras as bordas do corpo literário**. São Paulo: Annablume, 1995.
- FREUD, S. (1895). **Estudos sobre a Histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. II.
- FREUD, S. (1901) **A interpretação dos Sonhos parte I**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. IV.
- FREUD, S. (1901). **A interpretação dos Sonhos parte II: sobre os sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. V
- FREUD, S. (1908). Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. **Gradiva de Jensen e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. XI.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**, volume 1. As Bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- KEHL, M. R. **A constituição literária do sujeito moderno**. 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/19133258/Maria-Rita-Kehl-A-constituicao-literaria-do-sujeito-moderno>. Acesso em: 10 outubro 2016.
- LACAN, J. **As psicoses** (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. (O seminário, 3).
- LACAN, J. (1959). **A ética da psicanálise**: Seminário 7. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. (1964). **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise:** Seminário 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MENDES, E.D; PRÓCHNO, C.C.S. A ficção e a Narrativa na literatura e na psicanálise. **Pulsional, Revista de psicanálise.** Uberlândia: Ano XIX, n. 185, março 2006, 43-51. Disponível em [http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/185\\_05.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/185_05.pdf).

PERRONE-MOISÉS, L. A Fantástica Verdade de Clarice. In: **Flores da Escrivaninha: ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PLASTINO, G. **O discurso da falta em Clarice Lispector:** “Laços de Família”. Osasco: Edifieo, 2008.

ROSENBAUM, Y. Literatura e Psicanálise: Reflexões. **Revista Fronteiraz**, São Paulo, n. 9, dezembro, 2012.

ROSENBAUM, Y. **Metamorfoses do mal:** uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Edusp, 1999.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

TROCOLI, F. **A inútil paixão do ser:** figurações do narrador moderno. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 2015.

Recebido em 22.05.2023.

Aceito para publicação em 30.05.2023.

© 2023 Juliana Rodrigues dos Santos. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ( [http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR) ).